

Educação básica: problemas de adaptação às metodologias de ensino e aprendizagem

Jhonatan Wendell Tavares Ferreira¹, Isabela Vieira dos Santos Mendonça²

1. Graduando do curso de licenciatura em Biologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IFMA; *jhon_jhonys@hotmail.com

2. Doutora do Departamento Acadêmico de Biologia – DAB do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IFMA

Palavras Chave: *Educação Básica, Ruptura, Diagnóstico.*

Introdução

A transição do 5º para o 6º ano do ensino fundamental é marcada por uma ruptura. Esta permeia tanto a interação professor-aluno, pois nas séries iniciais um/uma professor(a) administra todas as matérias, quanto na organização das disciplinas passando a ser ministradas por uma quantidade maior de professores. Vemos também uma ampliação curricular e uma multiplicidade de estratégias adotadas, geralmente marcadas pela diminuição e ou ausência de métodos lúdicos nas práticas docentes. Tais questões interferem na adaptação ao novo ciclo e na construção de laços de afetividades mais profundos, dificultando a aprendizagem (ANDRADE, 2011). É notório que tais transformações intervêm diretamente na vida das crianças, já que estas também precisam lidar com as mudanças comuns à adolescência (HAUSER, 2007; ANDRADE 2013). Neste contexto, a atual pesquisa teve por objetivo realizar um diagnóstico para compreender como os estudantes se portam diante de tais mudanças ao ingressar no 6º ano do Ensino Fundamental, em uma escola da rede pública da cidade de São Luís – MA.

Resultados e Discussão

A escola Unidade Integrada Barbosa de Godóis possui três turmas do 6º ano com um total geral de 116 alunos. De acordo com o total de alunos foi feito um cálculo amostral, onde foi identificado que deveriam ser aplicados 60 questionários, 10 por turma, aos alunos do 6º ano da referida escola.

O questionário foi composto por sete perguntas: 4 de múltipla escolha e 3 discursivas. Os alunos foram separados e escolhidos de modo aleatório para garantir a idoneidade da pesquisa. Os questionários foram lidos juntamente com os alunos, evitando assim, possíveis dúvidas. Os discentes responderam às perguntas sem quaisquer interferências do pesquisador.

Nas análises a questão que investigava sobre quais disciplinas utilizam mais brincadeiras e jogos: 36% informaram a matéria de Matemática; 24% a disciplina de Inglês; Português com 18,66%; Educação Física 17,33%; Geografia 1,33%; Religião 2,66% as demais disciplinas não utilizam de tais metodologias. Quanto à constância da utilização destas ferramentas: 63,33% informaram que os professores usam com frequência; 20% às vezes; 16,66% raras vezes. E 96,66% responderam que preferem quando o professor utiliza jogos/brincadeiras em sala de aula e apenas 3,33% “Não”. Estes mesmos resultados foram encontrados também, quando indagados sobre a facilidade de entender o conteúdo quando estas ferramentas são utilizadas.

93,33% informaram que notaram diferenças no modo como os professores ministram as aulas do 5º para o 6º

ano. No que diz respeito às mudanças encontradas na nova série: 26,47% responderam que no 5º ano tinha mais brincadeiras e jogos; 26,47% uma maior quantidade de professores no 6º ano; 14,70% acham o 6º ano mais difícil e rígido; 11,76% maior quantidade de disciplinas no 6º ano; 8,82% responderam que o 5º ano era mais divertido; 11,78% outras mudanças.

Quando indagados do que sentem mais falta do 5º ano: 37,73% responderam do(a) professor(a); 30,18% dos amigos; 22,64% das brincadeiras e jogos educativos; 3,78% dos conteúdos e 5,66% não sentem falta de nada.

De acordo com os dados prestados observou-se que os alunos compreendem melhor quando o professor aproxima os conteúdos ao mundo do discente, utilizando o lúdico em suas aulas, mostrando que as metodologias lúdicas, inseridas no contexto da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, estabelecem um vínculo entre os conhecimentos científicos e culturais ao universo infantojuvenil. Percebeu-se que a ruptura afeta o aprofundamento de vínculos afetivos, nas interações professor-aluno e aluno-aluno, dificultando a aprendizagem e a adaptação ao 6º ano.

Conclusões

Observou-se que as crianças/adolescentes não estão preparadas para tais mudanças durante este ciclo, e que esta é uma fase de constante conflito interno e que não está havendo o devido olhar crítico/pedagógico/reflexivo por partes dos professores, instituições escolares e pesquisadores. Portanto, deve-se dar maior atenção para os discentes no momento desta transição, pois nem todos os alunos conseguem se adaptarem em tempo hábil a todas estas mudanças, sobretudo, a “pluridocência” e as diferentes metodologias empregadas por cada professor.

Agradecimentos

Os pesquisadores prestam seus agradecimentos à FAPEMA (Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão), pelo financiamento da pesquisa, por meio do processo: BIC-03365/15; à direção da escola Unidade Integrada Barbosa de Godóis pela parceria e liberação das turmas, possibilitando assim, a execução da pesquisa em seu estabelecimento.

ANDRADE, Mariza. **A transição para o ensino fundamental II: Motivação para a matemática em relação com o contexto social percebido.** Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação, Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2013.

ANDRADE, Mariza. **Investigação sobre a Transição dos Alunos do Ensino Fundamental para o Ensino Fundamental II.** Monografia de Conclusão – Graduação em Pedagogia, Universidade Estadual de Londrina, 2011.

HAUSER, Suely D.R. **A Transição da 4ª para a 5ª série do Ensino Fundamental: uma Revisão Bibliográfica 2007.** Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.